



Questionar tudo! Caminhos para uma teoria sociocrítica da organização do conhecimento

Question everything! Horizons for a sociocritical theory in knowledge organization

Gustavo Silva Saldanha *

Rosalí Fernandez de Souza **

Luana Sales ***

Como constituir, em organização do conhecimento, uma reflexão que parta da experiência histórica para o fundamento tecnológico? Como estabelecer o “político” (raiz constituída pelo “discursivo”) na fundamentação epistemológica das práticas de representação do conhecimento? A partir de quais ferramentas teóricas e metodológicas poderemos compreender a pluralidade dos saberes visualizada pelas abordagens da classificação? Quais os impactos do pensamento em organização do conhecimento na realidade social?

O dossiê “Organização do conhecimento: agendas sociopolíticas e seus conflitos históricos” coloca a dimensão sociopolítica dos gestos classificatórios como ponto de partida e ponto de chegada da fundamentação de uma teoria crítica da organização do conhecimento. A proposta do dossiê, desde a sua concepção, procura evidenciar, centralmente, a organização do conhecimento entre ciência e sociedade; as dimensões sociopolíticas da classificação; as abordagens dialógicas da organização do conhecimento; as tecnologias da informação e da comunicação e as agendas sociopolíticas emergentes; a diversidade cultural e os instrumentos de recuperação da informação e gestão do conhecimento, como tesouros, esquemas de classificação, taxonomias e outros modelos de organização do conhecimento; a *web* semântica e os sistemas de organização do conhecimento: ontologias, *linked data*, SKOS, linguagens de representação (RDF, OWL, RIF, EARL), a modelagem e a modelização do conhecimento em cenários de conflitos sociais; a indexação social, a folksonomia e a representação da alteridade; a representação do conhecimento e a crítica da decolonialidade; a desclassificação e a epistemologia crítica da organização do conhecimento; os métodos e as técnicas de organização do conhecimento orientados para a transformação social; a ética na, para e da organização do conhecimento; os movimentos sociais, as interseccionalidades e as abordagens alternativas de representação do conhecimento; as condicionantes críticas de gênero nas

* Doutor em Ciência da Informação. Pesquisador associado do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict); Professor adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Endereço: Rua Lauro Muller, 455, sala 401, Botafogo, CEP 2290160, Rio de Janeiro, RJ. Telefone: 21 38739453. Email: gustavosaldanha@ibict.br

** Doutora em Ciência da Informação. Pesquisadora titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Endereço: Rua Lauro Muller 455, 4º andar, Botafogo, CEP 22290-160, Rio de Janeiro, RJ. Telefone (21) 3873-9468. E-mail: rosali@ibict.br

*** Doutora em Ciência da Informação. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do convênio Ibict-UFRJ. Endereço: Rua Lauro Muller, 455, 4º andar, sala 408, CEP 22.290-160. Telefone: (21) 97112-7411 / + 55 (21) 3873-9450. Email:luanasales@ibict.br

experiências de organização do conhecimento; as ações afirmativas e a representação social dos saberes. Todas essas direções lançadas como provocação aos pesquisadores do Brasil e de outros países nos trouxeram aqui, à luz de uma teorização social, estudos filosóficos, epistemológicos, metodológicos e de tecnologias da organização do conhecimento. Os leitores encontrarão aqui as problemáticas sociais da saúde, de gênero, de povos e comunidades tradicionais, de indígenas, de matrizes afrodescendentes no Brasil, além de outras dimensões políticas e culturais presentes no gesto de classificar e de representar.

O dossiê é fruto das experiências históricas da organização do conhecimento constituídas ao longo dos quase 50 anos de experiência em pós-graduação e pesquisa no domínio no contexto do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), atualmente em convênio com a Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O percurso tem seu início experienciado por parte dos maiores nomes da organização do conhecimento na pesquisa mundial, como W. Lancaster, professor e orientador do Programa nascido em 1970, no então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), responsável pelo maior número de mestres formados da primeira geração de pesquisadores do domínio no Brasil. Na atualidade, essa bagagem encontra as experiências científicas dos grupos de pesquisa Organização do Conhecimento, *Ecce Liber e Briet*, coordenados respectivamente por Rosali Fernandez de Souza, Gustavo Silva Saldanha e Luana Sales.

A experiência da chamada e o retorno de autores brasileiros e estrangeiros demonstra-nos dois caminhos distintos: de um lado, a certeza de que a pesquisa tecida sobre as dimensões sociopolíticas, fundadas na historicidade, constituem parte da resistência crítica no desenvolvimento da organização do conhecimento; de outro lado, a condição ainda distante de aprofundamento de correntes de pensamento para a diversidade cultural e para as lutas sociais a partir das diferentes experiências de representação dos saberes. Esse segundo cenário nos propõe a inferência preliminar, no microcosmo de compreensão que o dossiê reflete na pesquisa do domínio, a dificuldade ainda presente de compreender o “social”, o “político” e o “histórico” não como categorias criticamente centrais na constituição da organização do conhecimento, mas ainda como objetos de estudo ou possibilidades argumentativas.

A noção de crítica aqui discutida tem no trabalho de Antonio García Gutiérrez sua marca central, fundada no reconhecimento do dilema da dominação mundial e local do capital, bem como na luta pela representação democrática a partir das práticas de desclassificação. A desconstrução epistemológica do Iluminismo, do positivismo, do funcionalismo e do tecnocapitalismo em García Gutiérrez lança os horizontes para o desenvolvimento da perspectiva cultural e social do domínio. Esse caminho epistemológico e metodológico nos leva à relação entre a força do feminismo na voz sociocrítica de Hope Olson, entrevistada especial que abre o nosso dossiê, e a ausência de uma repercussão internacional que demonstre a demanda pela justiça social a partir das lentes da organização do conhecimento.

De todo modo, o prisma inaugural das inflexões de Olson perpassam objetivamente o atual número da *Liinc em Revista*. Podemos encontrar aprofundamentos filosóficos e empíricos da crítica da pesquisadora nos artigos “Organização social do conhecimento e performatividade de gênero: dispositivos, regimes de saber e relações de poder”, de Maria Aparecida Moura, “Representação do conceito de mulher na Classificação Decimal Dewey (CDD) e na Classificação Decimal Universal (CDU): duas perspectivas sobre o mesmo conceito?”, de Maria da Graça Simões,

Blanca Rodríguez Bravo e Olivia Pestana, bem como na pesquisa de reflexão filosófica “A mulher como informe: uma maculatura desclassificada na tipografia do informar”, de Vinícios Souza de Menezes.

Se Ingetraut Dahlberg percebe ao longo de suas reflexões o desenvolvimento de uma epistemologia própria para a organização do conhecimento, os questionamentos metacientíficos sob a égide da discussão sociocrítica aparecem como uma das expressões centrais do dossiê. Encontramos as reflexões epistemológicas, perpassando aspectos históricos, filosóficos e conceituais, bem como metodológicos, nas pesquisas “Encenações e reescritas da memória no capitalismo global entre teorias e práticas culturais”, de Giulia Crippa, “Intercomunicações, organização da informação e do conhecimento, estudos sobre memória e a produção de obras artísticas”, de Wagner Oliveira de Medeiros e Fabio Assis Pinho, “La organización del conocimiento como proceso: la movilización del conocimiento”, Ricardo Pérez Mora e Blanca Lizbeth Arias, “Melvil Dewey – entre o dito e o não dito: sujeito e historicidade do campo informacional”, Lídia Silva de Freitas e Rosana Tavares de Moraes, “O princípio da garantia semântica revisitado à luz dos estudos da linguagem”, de Roger de Miranda Guedes, “Tratamento Temático da Informação (TTI): influência dos paradigmas físico, cognitivo e social em artigos de revisão de literatura no período de 1966-1995”, de Marisa Bräscher e José Augusto Chaves Guimarães, “Devir-rizoma: tumulto na organização e representação do conhecimento”, de Rodrigo de Sales.

No enfrentamento direto dos dilemas sociais sob a luz da experiência crítica da organização do conhecimento, apresentam-se as pesquisas “O contexto informacional dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros: analisando o Facebook como uma fonte de informação étnico-racial”, de Andréia Sousa da Silva e César Karpinski, e “Expandindo o cosmos da representação social do conhecimento por meio da categorização de marcadores sociais da diferença”, de Mário Gaudêncio e Maria Elizabeth Balter Carneiro de Albuquerque, além dos relatos de experiência “Ressurgência das margens: o projeto Beiras D’Água e os povos e comunidades tradicionais da bacia do rio São Francisco”, de Bernardo Vaz, André Monteiro e Anderson Camargo Rodrigues Brito, e “A representação da produção artesanal indígena no *Tesouro de cultura material dos índios no Brasil*”, de Dilza Fonseca da Motta.

Uma preocupação histórica central do pensamento e das práticas em organização do conhecimento, diacronicamente trabalhada como parte de uma neutralidade expressa no domínio, está colocada no dossiê: a questão da autoria. O questionamento sociocrítico do conceito e de sua atuação categorial é apresentado pelas pesquisas “A representação da autoria e o seu contexto social”, de Naira Christofolletti Silveira, e “Representação de pseudônimos de autoras: da reflexão epistemológica nos FRAD à análise em catálogos de autoridade”, de Suellen Oliveira Milani e Brisa Pozzi de Sousa.

Nas dimensões sociocríticas projetadas pelo dossiê, destacam-se as reflexões sobre a saúde e suas agendas políticas, nos artigos “A pesquisa em genética humana sob o prisma das redes: uma abordagem metodológica sobre campo científico e domínio de conhecimento”, de Lidiane dos Santos Carvalho e Regina Marteleto, e “Políticas públicas de informação em saúde: um caminho usando a prospecção”, de Letícia Azevedo Januário e Ariadne Chloe Mary Furnival, além de “Rotulagem alimentar e organização do conhecimento: alegações nutricionais e de saúde em relação ao açúcar”, de Daniel Martínez-Ávila e Luciana Gomes, e “Contribuições do design da informação para ambientes digitais informacionais em saúde: políticas informacionais

antes, durante e depois da epidemia por zika vírus”, de Maria José Vicentini Jorente, Laís Alpi Landim e Anahi Rocha Silva.

As dinâmicas institucionais e suas especificidades no plano sociocultural também são reveladas como parte das agendas políticas da organização do conhecimento no presente número, representadas no relato de experiência “Indexação temática em textos de Rui Barbosa”, de Ana Paula Lima dos Santos, Dilza Ramos Bastos e Lourdes Maria dos Santos, e na pesquisa “Produtores/usuários e profissionais de arquivo: colaboração para organização da informação – o caso do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais”, de Emília Barroso Cruz e Júlio César Schroeder Queiroz.

Por fim, o fundamento da reflexão social na direção das condicionantes técnicas é igualmente representado no discurso do dossiê. A tecnologia é questionada aqui desde seu aspecto conceitual à sua *performance* ferramental. Nesse cenário, encontramos importantes reflexões nos artigos “O dispositivo como unidade básica do conhecimento na web semântica”, de Rodrigo De Santis, “Entre a poesia e a ciência da informação: reapropriações do cinema *found footage* nos domínios digitais”, de Carlos Adriano Jerônimo de Rosa e Claudio Marcondes Castro Filho, “Contribuições da ontologia de domínio jurídico: da web semântica à reutilização do conhecimento”, de Felipe Mozart de Santana Nascimento, Fabio Assis Pinho e Luciano de Souza Cabral, “The representation of knowledge by means of dynamic systems”, de Elaine Mandelli Arns, Janete Saldanha Bach Estevão, Christian Luiz da Silva e Faimara do Rocio Strauhs, “Algoritmização da vida e organização da informação: considerações sobre a tecnicidade no algoritmo a partir de Gilbert Simondon”, de Lorena Lucas Regattieri e Henrique Antoun, e, por fim, “Classificação de objetos de fronteira na organização do conhecimento e o papel das ontologias”, de Linair Maria Campos.

O dossiê “Organização do conhecimento: agendas sociopolíticas e suas lutas históricas” espera, sob as lentes da produção discursiva ora apresentada, contribuir para a ampliação de uma teoria social da organização do conhecimento. As bases críticas lançadas na chamada e as direções teóricas e aplicadas vislumbradas pelas pesquisas publicadas são parte de um horizonte ainda aberto e urgente. Para o longo percurso de luta e de resistência a seguir, as considerações gerais da entrevista de Hope Olson podem servir como princípios sociocríticos para essa desafiante jornada:

- Ser cético em relação às aplicações universais
- Duvidar da validade de objetivos universais com metas generalizáveis
- Desconfiar de valores predefinidos
- Suspeitar de descobertas excessivamente uniformes.

Em uma só expressão de Olsen: questionar tudo. Eis a ação reflexiva nuclear da experiência sociocrítica deste dossiê. Boa leitura a todos!